

# ADAPTAÇÕES DE LIVROS PARA O CINEMA E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DE LEITORES

Mariana Marcon Benicá \*  
mianamarcon@yahoo.com.br

\* Graduanda em Letras – Língua Inglesa e respectivas literaturas. Graduada em Letras – Português e respectivas literaturas pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Especialista em Educação no Ensino Fundamental pelo C.A. João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora.

**Resumo:** O presente artigo pretende analisar adaptações de livros para o cinema e a influência de leitura que elas exercem em alunos do ensino fundamental. Busca pesquisar se esses alunos se identificam com os livros e suas adaptações, além de averiguar se demonstram ou não interesse em comparar essas duas linguagens. Para isso, buscamos apoio em outras pesquisas sobre o tema e em literatura específica. Tal pesquisa se mostra útil ao ensino, pois pretende observar se o aluno adquire hábitos de leitura graças ao cinema, possibilitando ao professor utilizar desse instrumento para formar leitores e, conseqüentemente, cidadãos críticos.

**Palavras-chave:** Adaptações. Livros. Filmes. Formação de leitores.

**Abstract:** This paper aims to analyze adaptations of books to film and its influence in elementary school students. It aims to search if these students identify themselves with books and their adaptations, and to search if them demonstrate or not interest in comparing these two languages. For this, we seek support from other researches on this topic and in specific literature. Such research proves its usefully for teaching, because it intends to observe if the student acquires reading habits thanks to the movies, allowing the teacher to make use of these tool to educating readers and, consequently, critical citizens.

**Keywords:** Adaptations. Books. Movies. Educating readers.

## Introdução

O presente trabalho<sup>1</sup> teve seu tema escolhido graças ao amor pela leitura e à possibilidade de *ver* nas telas do cinema o que outrora foi imaginado, combinados à decepção com os filmes, em relação aos livros, perante as divergências entre eles, divergências estas que buscamos tentar entender.

Observamos que os livros de maior venda são, por coincidência ou não, adaptados para o cinema. Tanto é que frequentemente encontramos novas edições de livros com as capas das adaptações. Além disso, vimos que a maior parte dos livros adaptados são do segmento de *literatura de massa* ou de *mercado*. Isso, provavelmente, por conta do potencial mercadológico dessa literatura e do cinema, ambos com grandes públicos. A junção deles gera um fluxo monetário gigantesco, favorecendo uma “parceria”, na expectativa por altos lucros.

Optamos por estudar adaptações de livros para o cinema e sua influência na formação de leitores. Esses livros e filmes podem formar leitores? Este assunto mostra-se relevante no que diz respeito a buscar formas de atrair os jovens para a leitura, tão importante para o seu desenvolvimento como cidadãos. É imprescindível que os jovens criem o hábito de ler. Por isso, qualquer meio que favoreça tal hábito é válido de ser estudado, já que está cada vez mais difícil que eles criem este costume. Assim, sabendo destas ferramentas, precisamos aprender a utilizá-las de forma proveitosa.

Buscamos, de maneira geral, verificar se as adaptações são agentes influenciadores da leitura. Seriam os livros e filmes responsáveis por trazer esses jovens ao mundo da leitura? Tentamos também compreender a relação entre os dois tipos de arte (literária e cinematográfica), estabelecer suas diferenças mais básicas, verificar se (e como) as adaptações influenciam o hábito de leitura, se há influência destas, mais especificamente, na formação de leitores e, por fim, como usá-las para atrair leitores.

Para tentar saber se a relação entre livros e suas adaptações pode atrair um público maior, fizemos uma pesquisa bibliográfica, com uma revisão teórica da literatura, englobando diversos autores que versam a respeito do assunto, com o intuito de compreendê-lo melhor. Foi feito também um acompanhamento de pesquisas de livros mais vendidos, correlacionando-os com os filmes. Além disso, utilizamo-nos de dados de pesquisas de outros autores, como Maria Cristina Weitzel Tavela (2013), para tentar descobrir se essa influência se confirma.

Inicialmente, selecionamos autores que falassem sobre literatura, literatura de massa, formação de leitores, cinema, roteiro, adaptação. A internet foi essencial para encontrar artigos, como os de Begma Tavares Barbosa e Tavela (2010a, 2010b), e também a Consulta ao Acervo da Biblioteca da Universidade Federal de Juiz de Fora, na qual pesquisamos os termos como palavras-chave e “pegando emprestado” o que encontramos. Destes, os mais relevantes são os artigos de Barbosa (2010a, 2010b), o artigo e a tese de Tavela (2010, 2013) e as publicações de Doc Comparato (2009), Anna Maria Balogh (2004) e Muniz Sodré (1978, 1988).

| FICÇÃO |   |
|--------|---|
| 1      | A Culpa É das Estrelas<br>John Green [1   58] INTRINSECA          |
| 2      | Divergente<br>Veronica Roth [2   8] ROCCO                         |
| 3      | Insurgente<br>Veronica Roth [3   4#] ROCCO                        |
| 4      | Convergente<br>Veronica Roth [5   10] ROCCO                       |
| 5      | Quem é Você, Alasca?<br>John Green [4   26#] MARTINS FONTES       |
| 6      | Adulterio<br>Paulo Coelho [6   4] SEXTANTE                        |
| 7      | A Menina que Roubava Livros<br>Markus Zusak [8   125#] INTRINSECA |
| 8      | Cidades de Papel<br>John Green [7   34#] INTRINSECA               |
| 9      | Teorema Katherine<br>John Green [9   42] INTRINSECA               |
| 10     | A Guerra dos Tronos<br>George R.R. Martin [10   95#] LEVA BRASIL  |

Também buscamos pesquisas com dados de livros mais vendidos e tentamos fazer um acompanhamento da lista da Revista Veja, disponível em seu *site*. A imagem ao lado<sup>1</sup> (OS LIVROS, 2014), utilizada como demonstrativo, é referente à lista do dia 14 de maio de 2014 e mostra grande quantidade de livros adaptados entre os dez mais vendidos. Um problema encontrado neste acompanhamento foi que o *site* não era atualizado semanalmente, como divulgado, de forma que optamos por utilizar apenas listas aleatórias no período entre abril e agosto de 2014.

Outras pesquisas sobre leitores e formação de leitores no Brasil, com resultados a partir de entrevistas e dados, nos ajudaram a compreender se a afirmativa de que as adaptações influenciam a formação de leitores é verdadeira ou não. Foi a partir delas que compreendemos a importância de se entender a relação entre adaptações de livros e formação de leitores e que isso precisa ser mais trabalhado no ambiente escolar, de modo que o incentivo à leitura seja mais importante do que a crítica ao que o aluno lê.

## 1 - Literatura

A literatura tem como objetivo primordial *ser lida*, como qualquer texto. Ela auxilia na formação do cidadão crítico, pensador, já que permite que o indivíduo seja capaz de analisar os mais diversos aspectos de sua vida.

Sodré (1988) faz a distinção entre *Literatura* (cultura, aquela dos clássicos) e *literatura* (de massa, dos chamados *best-sellers*), sendo esta comumente chamada de *subliteratura* ou *paraliteratura*. Segundo ele, a caracterização das obras de literatura se dá não só pela forma como foi produzida, mas pelo público que a consome. Se uma obra é levada à academia e aclamada, pode ser considerada culta; se é consumida *pela massa* é *inferiorizada*: não possui

<sup>1</sup> Revista Veja, ed. 2373, ano 47, nº 20. 14 maio 2014. p. 133.

“suporte escolar ou acadêmico: seus estímulos de produção e consumo partem do jogo econômico da oferta e procura” (p. 6).

Porém, a categorização das literaturas não é imutável, já que, em um momento, a obra pode não ser considerada canônica, e, em outro, adquirir este *status*.

Sodré (1988) discute a literatura de massa como potencializadora das capacidades leitoras de populações iletradas e como material de ensino nas escolas, apesar do interesse mercadológico, que não elimina os benefícios dela. Para Sodré (1978), a literatura de massa se utiliza de uma linguagem acessível à grande parcela da população, para ser capaz de atingir a todos.

É notório que a leitura ainda é pouco difundida na cultura brasileira. Pesquisas oficiais mostram que o hábito de leitura dos brasileiros é pequeno. Segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2012), apenas 50%<sup>2</sup> (88,2<sup>3</sup> milhões) dos brasileiros têm o hábito da leitura, representando uma queda de 5% em relação à edição anterior da pesquisa. Barbosa (2010a), corroborando com essa pesquisa, aponta que, diversas vezes, o Brasil ficou em uma posição desconfortável nas avaliações internacionais de desempenho de habilidades de leitura. Para ela, isso deveria fazer com que as escolas priorizassem essa capacidade, atentando mais para projetos de leitura, ajudando a melhorar os resultados das avaliações e o seu desempenho. Mas não é isso o que temos visto com muita frequência. As práticas de leitura, na grande maioria das escolas, ainda estão bastante defasadas.

O hábito da leitura é imprescindível para o amadurecimento intelectual do indivíduo, independentemente da área na qual ele atue ou pretenda atuar. Ler abre a mente, auxilia na compreensão. Quase toda atividade requer capacidade de leitura. Ler permite acesso ao conhecimento, partindo das reflexões que suscita.

---

<sup>2</sup> Considerando-se as particularidades dos dados da pesquisa, como faixa etária, renda e região, por exemplo.

<sup>3</sup> Segundo o Censo Demográfico do IBGE, publicado em 2010, a população brasileira conta com 190.732.694 pessoas (IBGE, 2010).

Os depoimentos presentes no artigo de Jerônimo Teixeira (2014) mostram que a leitura é extremamente importante, seja qual for a área profissional da pessoa. Ler ativa mecanismos no cérebro que influenciam na hora de fazer boas provas e estudar. Nisso reside a importância da leitura na vida dos jovens, independentemente de ele optar pela área de ciências humanas ou não. Uma jovem que foi aprovada em Engenharia Elétrica em uma universidade americana e outros dois jovens aprovados em concursos concorridos no Brasil são leitores ávidos e todos creditam seu sucesso ao hábito de ler, pois afirmam que suas atividades mentais foram mais estimuladas graças à leitura, independentemente do gênero do livro. Com isso, podemos ver que a literatura, de qualquer tipo que seja, não é apenas deleite. Apesar de servir como distração, como escape, ela tem funções mais importantes.

O hábito da leitura é insuficiente no Brasil e à escola cabe agir para mudar este cenário. Para dar início a essa mudança, um passo importante seria *relativizar* a obrigatoriedade da leitura arbitrária, na qual o aluno não tem poder de escolha sobre o que, como e quando ler. Dando liberdade ao jovem de escolher as leituras que lhe dão prazer, ele é instigado, e entra em um ciclo, no qual lê porque gosta, e não porque lhe foi imposto. À escola cabe influenciar a leitura, não de forma impositiva, pois esta gera aversão (na maioria dos casos), mas sim de uma maneira que realmente faça o aluno entender a importância da leitura, de forma que ele crie o hábito por vontade própria.

É necessário dizer que a escola *precisa* incentivar e estimular a leitura dos clássicos literários. Porém, ela deve utilizar artifícios mais sutis do que a imposição, que muitas vezes faz com que o aluno se *rebele* e se posicione de forma contrária à leitura. O professor da Universidade Federal de Ouro Preto, Hércules Toledo Corrêa, por exemplo, em entrevista à revista Práticas de Linguagem da UFJF (CORRÊA, 2012), mostra uma forma simples e prática de a escola inserir o aluno no mundo da literatura clássica. Segundo ele, é importante que haja uma mediação para a leitura dos jovens e que uma forma de atrair o interesse deles por essa literatura seria levando, antes do livro em si, materiais diversos, mais próximos da linguagem deles e que sejam, por isso, mais *palatáveis*. O texto com linguagem distante da do jovem faz com que ele se sinta inferiorizado, causando desânimo, não permitindo que ele aproveite de forma

devida. Contudo, um texto com uma linguagem próxima da dele o atrai, pois ele se sente capaz de entender sem dificuldades, já que se insere em um campo conhecido.

A resistência aos cânones e clássicos da literatura está presente no contexto escolar brasileiro e essa resistência precisa ser desconstruída pela escola. É, obviamente, um grande desafio, porém deve ser superado, pois o papel da literatura é muito importante na formação do cidadão crítico e livre de preconceitos (OSAKABE, 2004 apud BARBOSA, 2010b). A arte é peça fundamental na construção do conhecimento social, e a literatura é uma forma de arte, "arte que se constrói com palavras" (BRASIL, 2006, p. 52). Apesar de não conter utilidades práticas, algo que é muito cobrado da escola atualmente, a literatura é importante não só na construção do indivíduo, mas também da sociedade (BARBOSA, 2010b).

Acredita-se que a habilidade de ler requer um esforço que os jovens não estão se permitindo fazer, é um trabalho que eles não pretendem realizar. Em um mundo de tecnologias desenvolvidas, de modernidade, em que tudo é rápido e fácil, o trabalho de ter que fazer alguma coisa é malvisto pelos jovens. Além, é claro, de a forma como a literatura é trabalhada na escola contribuir para sua concepção como algo *chato* e *difícil* (BARBOSA, 2010b).

Porém, muitos alunos não rejeitam a literatura como um todo, de forma que se aproximam de textos mais *fáceis* e próximos a eles. É necessário atrair o aluno com livros estimulantes, de seu gosto. Até mesmo aqueles mais *comerciais*, indicados pelos meios de comunicação (lista de mais vendidos de jornais, *sites* e revistas) e que sigam certa *receita* com *ingredientes* que fazem parte do gosto desse nicho de mercado, como ação, aventura, suspense e romance (BARBOSA, 2010a).

São esses mesmos livros *comerciais*, com *ingredientes* atrativos, que são transformados em filmes. É mais uma forma de vender aquele produto. Porém, apesar desse caráter mercadológico, é necessário apreciar o seu valor. Eles são capazes de formar um leitor, pois o jovem que se acostuma a ler *livros fáceis*, adquirindo o hábito e o gosto pela leitura, acaba avançando, na maioria das vezes, para outros tipos de literatura, mais elaborados e considerados mais próximos da literatura arte.

Para Sodré (1978, p. 94-95), é mais fácil a literatura de massa ser transmutada para outras linguagens do que a literatura culta, pois esta prescinde do código escrito mais estritamente para transmitir a sua mensagem do que a literatura de massa, que pode falar o que se propõe por outros meios, desde que atinja o público ao qual se dirige. Segundo ele, bons livros raramente geram bons filmes, enquanto que livros “mais ou menos” podem dar origem a excelentes filmes. Sabemos, porém, que há certo preconceito da parte de muitos especialistas e professores com esse segmento da literatura, chegando até mesmo a desconsiderá-las como tal. Mas é preciso compreender os benefícios que elas têm trazido aos jovens e à educação, de maneira geral, mesmo que lentamente.

Ainda de acordo com Sodré (1988), dentro da literatura de massa encontramos uma *nova* subdivisão em gêneros, feita a partir do tema central e estilo das obras (exemplo: romance de terror, autoajuda, ficção científica, infantojuvenil, entre outros). Dentre estas, é difícil estabelecer qual a mais difundida e apreciada atualmente.

Entre os jovens, foco desta pesquisa, há uma preferência pelo gênero infantojuvenil, com especial atenção para *Harry Potter*, *Crepúsculo*, *Percy Jackson*, *A culpa é das estrelas*, entre outros.

Um nicho do mercado que teve grande *febre* também entre jovens (principalmente do sexo feminino) é o da literatura denominada erótica, com grande venda de livros como *50 tons de cinza*, *Inferno de Gabriel*, *Toda sua*, entre outros, que, como característica da literatura de massa, teve um grande *boom* após o lançamento de *50 tons de cinza*, e cujo declínio foi prontamente obscurecido com o lançamento do *trailer* e a divulgação da data de estreia nos cinemas.

A *nova moda* é o gênero distópico, presente em narrativas como as sagas *Divergente* e *Jogos vorazes*. Segundo o Dicionário Houaiss, distopia é:

2 lugar ou estado imaginário em que se vive em condições de extrema opressão, desespero ou privação; antiutopia.

3 qualquer representação ou descrição de uma organização social futura caracterizada por condições de vida insuportáveis, com o objetivo de criticar tendências da sociedade atual, ou parodiar utopias, alertando para os seus perigos; antiutopia [Famosas distopias foram concebidas por romancistas como George Orwell (1903-1950) e Aldous Huxley (1894-1963).].



Nessas histórias, os heróis confrontam o sistema vigente em sua época, passando por diversas situações opressoras e insustentáveis, lutando até as últimas consequências para que, no fim, consigam atingir seus objetivos. São histórias de superação de obstáculos.

Os romances sentimentais (SODRÉ, 1988) também são de grande sucesso no mercado literário atualmente. Podemos citar Nicholas Sparks como um exemplo. Seus livros vendem de forma surpreendente e são constantemente adaptados para o cinema. O mercado pede mais, o autor oferece, e vende. O consumo não para.

Ainda conforme Sodré (1988), na literatura de mercado, os g neros podem se misturar; eles não seguem apenas um tipo de g nero para criar, mas fazem um misto, desde que seja capaz de vender, que é o objetivo primordial da literatura de massa.

Outra característica da literatura de massa é a publicação de maneira seriada. As séries de livros também podem ser consideradas uma estratégia mercadológica, já que um livro não se esgota em si mesmo, mas tem sempre uma continuação, de forma a atizar a curiosidade do público e fazer com que ele compre as continuações, aumentando as vendas e os lucros. E cabe observar também que essas sequências são sempre muito divulgadas e têm uma ação de *marketing* muito potente, o que permite ver o mercado por tr s dessas práticas.

  necessário saber que, por ser uma literatura voltada para as exigências de um mercado,   possível (e provável) que muitos livros sejam *encomendados* a um escritor competente. Apesar disso, reforça-se, não se deve desmerecer o que esta literatura proporciona aos leitores. Sodré (1988) crê que seu caráter de consumo *rápido* faz com que seja um tipo de produto quase que descartável, cujos aspectos principais se modificam conforme a exigência mercadológica.

### 1.1 Formação de leitores

Na pesquisa de Tavela, temos um depoimento de uma jovem leitora que mostra que a literatura de massa permite um avanço   literatura can nica. Ela conta que odiava ler e tudo que fosse parte do mundo da leitura, desde as aulas de Português às idas à biblioteca da escola. Porém, a influência de uma amiga foi



fundamental, ao indicar para ela a leitura do livro *Crepúsculo*. A jovem leu, adorou, repetiu a leitura, começou a ler outras coisas e, após um tempo, descobriu leituras diferentes e mais elaboradas, utilizando como exemplo *A cartomante*, de Machado de Assis, *mostrando* que é possível começar lendo literatura de massa e partir para livros de literatura culta.

Observamos que os jovens são atraídos pela literatura de massa infantojuvenil por se identificarem com as questões apresentadas. Eles têm prazer em se ver nesses textos.

Em uma reportagem de destaque na Revista Veja, de 14 de maio de 2014, vemos a opinião de muitos jovens, de variadas idades, sobre a leitura dos livros de John Green, autor de *A culpa é das estrelas*. Um depoimento de uma jovem curitibana de 18 anos ilustra bem o que falamos a respeito da identificação do jovem com a realidade: "John Green mostra que nem todos os finais são completamente felizes. Ele põe realidade no enredo". Ou seja, os jovens não querem apenas ficção, eles querem reconhecer seu próprio cotidiano nas histórias, querem alguém que tenha as mesmas aflições, para que não se sinta sozinho em uma fase tão complicada quanto a adolescência. Isso é muito importante para captar a atração dos jovens, e é um ingrediente que este autor, em particular, usa, e com sucesso: seus livros são muito lidos e configuram com frequência as listas de mais vendidos, não só o que já foi adaptado (apesar de este ser o de maior sucesso, possivelmente por isso), mas também os demais.

Para Tavela (2013, p. 15), "o trabalho desenvolvido com a literatura pela escola é de primordial importância para o letramento literário dos alunos". A escola deve saber lidar com a literatura para criar no aluno o gosto por ela, para que ele possa compreendê-la tanto como uma atividade útil e necessária, quanto como uma distração que lhe traga prazer, um divertimento.

Tavela (2013) acredita que a leitura, atualmente, exige um novo tipo de leitor e que pressupõe necessidades distintas de outrora. Além disso, os *objetivos de leitura* também devem ser reconsiderados, uma vez que se trata de uma "negociação entre o dado (conhecido pelo leitor) e o novo (trazido pelo texto)" (p. 20).

A literatura de massa é malvista no ambiente escolar. Acredita-se que ela não possui nenhum tipo de valor e não tem utilidade, não devendo ser objeto de

estudo. Porém, é notório que ela tem, sim, um valor importantíssimo: a capacidade de atrair jovens leitores e servir como *degrau de acesso* a outros tipos de literatura. Por isso, segundo Tavela (2010), é lamentável que a escola não tire proveito da capacidade atrativa que esse ramo da literatura possui, já que o prazer do aluno ao ler o que escolhe, o que gosta, serve de incentivo para formá-lo leitor.

Tanto a escola quanto a família têm papel importante na formação do leitor. A imposição de leituras, a obrigação de ver sempre um objetivo, uma tarefa, não ajuda no processo de formação. O que ajuda é a liberdade de se poder ler o que lhe apraz, pelo puro e simples prazer de ler, como entretenimento e distração. Adquirindo o hábito, o gosto, o jovem pode migrar para outros tipos de literatura, incluindo as chamadas cultas. Isso é proporcionado por um eficiente *letramento literário*, que é capaz de fazer com que o indivíduo aprenda não somente a decodificar os códigos de leitura e a relacionar o que leu com seu conhecimento de mundo, mas também permite que ele sinta prazer pela leitura e que esteja sempre buscando por ele.

Acredita-se que as adaptações são, muitas vezes, responsáveis pelo crescimento da venda de livros. Isso pode ser observado na pesquisa da Revista Veja, do período entre 02 de abril de 2014 e 20 de agosto de 2014. Tal pesquisa mostra, diversas vezes, que muitos dos livros mais vendidos foram (ou serão) adaptados para o cinema (os três primeiros colocados da edição de 02 de abril de 2014 da pesquisa são: *A culpa é das estrelas*, que estreou em 2014, *50 tons de cinza*, marcado para estreiar em 2015, e *A menina que roubava livros*, que estreou em janeiro de 2014).

A literatura de massa pode ser estimuladora do gosto e do hábito da leitura. De acordo com Paes (1990), no século XX, a literatura de massa (também considerada por ele como de entretenimento) fez aumentar "vertiginosamente" o seu público consumidor. Ela estimula o gosto e o hábito da leitura e "adquire o sentido de degrau de acesso a um patamar mais alto, em que o entretenimento não se esgota em si, mas traz consigo um alargamento da percepção e um aprofundamento da compreensão das coisas do mundo" (PAES, 1990, p. 28). Paes ressalta, ainda, que da massa de leitores da literatura de entretenimento é que surge a elite dos leitores da literatura "cult" e que esta não pode dispensar ter ao seu lado aquela que seria o primeiro passo na formação do leitor (TAVELA, 2013, p. 31).

O leitor letrado literariamente de forma efetiva não se importa com a discussão se a literatura de massa é ou não arte, desde que seja capaz de o entreter (TAVELA, 2013). A única coisa que importa é o deleite que ela lhe oferece, os momentos únicos que vive quando se depara com uma história que o faça viajar.

## 2. O cinema

O cinema tornou-se uma forma de linguagem altamente expressiva em nossa sociedade. Porém, é necessário ressaltar que seu aspecto *didático* muitas vezes é esquecido. Ele é visto, na grande maioria das vezes, apenas como uma forma de entretenimento e lazer. Não negamos que o seja, apenas acreditamos que não se restringe somente a isso.

O cinema é “uma linguagem contínua e sem interrupções” (COMPARATO, 2009, p. 144), que possui duração média de 120 minutos, ou seja, é limitado pelo tempo (um filme com mais de 180 minutos fica cansativo e maçante e dificilmente atrairá grande público) e, por isso, objetivo.

Jesús Martín-Barbero e German Rey (2004, p. 55) acreditam que a televisão (e podemos entender que o mesmo acontece com o cinema) não depende do “uso de um complexo código de acesso, como o livro” e, com isso, permite que uma maior parcela da população tenha acesso a variadas formas de linguagem que, de outra maneira, não teriam. Isso nos permite perceber a importância do cinema na vida das pessoas.

### 2. 1 A adaptação

A literatura romana denominava como *Contaminatio* a utilização de dois textos para a criação de um original. O dramaturgo romano Tito Mácio Plauto (254 a.C.-184 a.C.) utilizava esse tipo de criação, que não era considerada plágio, mas sim uma inspiração no texto de outra pessoa, misturando os dois para criar algo novo. De forma semelhante podemos enxergar as adaptações. Elas são duas coisas distintas, baseadas em algo previamente criado, resultando em algo novo.

O Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa define assim o que é adaptação: "1 acomodação, harmonização. 2 *conversão de uma obra escrita a outro meio de comunicação*" [grifo nosso]. Por *outro meio de comunicação* entende-se filmes, telenovelas, minisséries, microsséries, músicas, entre outras.

Um passo importante, e que deve ser o primeiro na adaptação, é a escolha do que será adaptado. Não se pode escolher uma obra qualquer; ela deve ser *adaptável* (já que não são todas as obras que o são).

A transmutação de um livro em um filme é comum atualmente e pode ser vista com muita frequência. Com isso, vemos quão importante é estudar esse *fenômeno* e quais seus benefícios para os jovens.

O cinema tem se utilizado muito de obras já criadas na versão literária para transpor para uma linguagem visual, possivelmente pelo rendimento lucrativo que as adaptações de literatura de massa têm, por já ter público e história conhecida. Não se pode dizer que isto se deve à facilidade de se transubstanciar uma obra; não se trata de uma tarefa fácil essa modificação. Recriar o que já existe é, senão ainda mais, tão trabalhoso quanto criar algo novo (COMPARATO, 2009). As adaptações para qualquer outro meio de comunicação pressupõem alterações necessárias para que elas sejam condizentes com o meio e com o público ao qual vão atingir, alterações estas que trazem uma fluência e uma cadência necessárias ao novo produto. Assim, deve existir a produção de um roteiro para servir de "mediador entre o literário e o fílmico" (BALOGH, 2004), que respeite a obra na qual se baseia e que, de certa maneira, está limitado pela criação de outrem (COMPARATO, 2009). Além disso,

O filme adaptado deve preservar em primeiro lugar a sua autonomia fílmica, ou seja, deve-se sustentar como obra fílmica, antes mesmo de ser objeto de análise como adaptação. Caso contrário, corresponderá ao que se costuma chamar significativamente de tradução "servil", ou meramente ilustrativa (BALOGH, 2004, p. 53).

Para Martín-Barbero e Rey (2004), as adaptações televisivas trazem mais visibilidade à obra literária e o mesmo pode ser dito a respeito do cinema. Isso é corroborado por Tavela (2013), quando diz que um mercado (editorial e cinematográfico) abastece o outro, mantendo uma íntima relação entre eles,

servindo para a divulgação e disseminação um do outro de forma bastante eficiente.

## 2. 2 O leitor e o cinema

Segundo Balogh (2004, p. 30-31):

(...) é mais *provável* que o receptor seja primeiro um espectador e, posteriormente, um leitor. Antigamente, o processo ocorria de forma inversa: primeiro lia-se o livro e depois conferia-se a fidelidade da adaptação fílmica em relação à obra literária. Hoje, na maioria das vezes, é a existência de uma minissérie ou novela ou até mesmo filme que aumenta a vendagem dos livros [grifo nosso].

Porém, nem sempre isso acontece. Muitas vezes o inverso permanece, fazendo com que os leitores busquem o filme e o critiquem conforme a linguagem *original*. Hoje, as duas maneiras se intercalam: tanto o livro faz buscar o filme quanto o contrário. Mas, no meio de jovens que ainda não são formados leitores, é bem mais provável que o filme faça buscar o livro, e é aí que vemos a importância das adaptações.

O professor pode usar as diferenças entre as duas linguagens para fazer o aluno refletir. De acordo com Tânia Pellegrini (2003, p. 16), é possível perceber que existe uma conexão entre os textos escritos e a linguagem imagética, cinematográfica, relação esta que pode ser apenas indicada ou explícita. Cada mídia influencia o texto de acordo com suas particularidades.

É notório que, conforme afirma Julyana Moreira da Silva (2008, p. 38), grande parte dos professores se aproveita das adaptações cinematográficas como um complemento para a leitura da obra literária, de forma que os alunos se sentem no direito de substituir a leitura pela apreciação do filme, sem saber que perdem uma infinidade de detalhes e conhecimentos com esta prática. Com isso, essa autora pondera que um estudo mais aprofundado dos pontos básicos do livro na adaptação, enfatizando o que se quer aproveitar de um e de outro no processo de ensino-aprendizagem, é de vital importância.

Porém, não se pode utilizar a adaptação cinematográfica apenas como agente facilitador da leitura literária:

Há uma ascensão dentro do espaço escolar em relação à utilização dessas adaptações na tentativa de popularizar a leitura, principalmente com a importância, também crescente, do uso da multimídia na escola e este pode acarretar perdas de parâmetros importantes na inserção do mundo na sala de aula, como, por exemplo, alguns professores preferem apenas unir a leitura da obra com a adaptação cinematográfica, sem promover uma análise mais profunda do que se perdeu ou ganhou com esta ou aquela visão do roteirista (SILVA, 2008, p. 34).

A adaptação pode funcionar como um atrativo *a mais* para o aluno, para que ele possa comparar as duas linguagens e enriquecer-se a partir disso. É preciso trabalhar com as duas linguagens de forma complementar, não em detrimento de uma ou de outra.

Os próprios jovens reconhecem que os filmes incentivam a leitura dos livros. Muitas vezes os ouvimos dizer que acreditam na influência de leitura a partir de filmes e da curiosidade que despertam, e que gostam de comparar suas diferenças para ver “em qual suporte a história se encaixa melhor”. Além disso, eles gostam de ver o que imaginaram, ou de, ao ler após ver o filme, lembrar o que foi visto, criando novas imagens na mente a partir do que pôde ver no filme.

Porém, existem muitos jovens que não gostam muito dos filmes, pois não contêm a riqueza de detalhes dos livros. Ou seja, eles veem os filmes, leem os livros, comparam as duas linguagens, avaliam de uma forma crítica e emitem sua própria opinião a respeito. Ora, isso nos faz observar que eles estão refletindo, avaliando e discutindo sobre o que leem e veem, mostrando que a literatura, com a ajuda do cinema, está cumprindo seu papel na formação de indivíduos críticos. E geralmente a falta de detalhes do filme em relação ao livro é o ponto mais criticado, mostrando que eles estão atentos, em ambas as linguagens, sobre o que é ou não mostrado, sobre suas semelhanças e diferenças. Há uns que dizem também preferir os livros, pois estes permitem que eles “usem sua imaginação”, e, por isso, preferem ler antes, pois imaginam livremente e só depois veem, de uma forma mais concreta, no filme.

Podemos observar que a leitura da literatura de massa é bastante comum, principalmente dos livros que são transmutados para a linguagem cinematográfica. Muitos deles citam como livros lidos os de *Percy Jackson*, *Harry*

*Potter, Crepúsculo, Divergente, Jogos Vorazes*, por exemplo. Os jovens dizem que o fato de terem visto o filme gerou uma curiosidade, fazendo com que eles tivessem vontade e fossem buscar estes livros, procurando conhecer elementos que porventura tenham faltado nos filmes, comprovando que nem sempre eles fazem com que o jovem “desista” de buscar o livro; ao contrário, muitas vezes é ele o responsável por essa busca, já que o conhecimento das diferenças existentes suscita dúvidas e provoca a leitura.

Também podemos observar que através da leitura vamos adquirindo uma capacidade avaliativa mais crítica. Muitos jovens começam a avaliar suas impressões justamente a partir das diferenças que observa entre as duas formas de arte, livro e filme. Ele se permite avaliar o que achou bom ou não, o que encaixou melhor em uma linguagem do que na outra, alcançando o que é, afinal, um dos objetivos primordiais da literatura como forma de cultura e saber.

### **3. A transição do leitor de literatura de massa para leitor de literatura culta**

Várias pesquisas mostram que leitores de literatura de massa que, mesmo que *ainda* não tenham migrado para uma leitura mais *difícil*, mais elaborada, leem e compreendem livros de linguagem mais simples.

Mas o que realmente importa (ou deveria) é que: os jovens estão lendo! Não importa que eles leiam apenas aquilo que o mercado disponibiliza, ou que não traga um conhecimento explícito, mas sim o fato de que eles estão lendo *alguma coisa*. E é inegável que há um progresso com relação há 15, 20 anos, quando se lia muito menos que hoje e o panorama era bem menos promissor. Os adolescentes leem por vontade própria e têm prazer em fazê-lo. Como isso pode ser desvalorizado? Cabe a nós, professores e familiares, incentivar a continuidade do hábito, inserir, aos poucos, de forma delicada, porém efetiva, outros tipos de leitura, sem que eles se deem conta de imediato, sem se sentirem minados de seu poder de escolha e decisão. Sem influenciar em sua liberdade, que é algo que todos prezam e que tem significado especial para os adolescentes. Então, um dia, sem sequer perceber como, eles se verão leitores formados, com opinião crítica e visão de mundo própria. Os próprios jovens que



não gostam de ler porque são obrigados gostam de pegar o livro que desejam. Então, acabar com essa liberdade pode significar, muitas vezes, acabar com a vontade de ler, transformando o que poderia ser um momento relaxante em algo penoso, e que, por isso, perde todo seu significado e toda sua magia.

Contudo, observa-se, também, que muitos alunos partem dos livros de massa para os clássicos apenas com o objetivo de superar-se em um desafio. As diferenças, as barreiras entre os livros canônicos e a realidade desses jovens são tão significativas que eles consideram que vencer esta *etapa* equivale a vencer um desafio. Sabemos que as diferenças linguísticas são grandes entraves para a leitura dos clássicos. Ouvimos: “Ah, esse livro é difícil de ler!”, mostrando que eles têm dificuldades com a linguagem utilizada pelos clássicos, que já não é mais a mesma desde a época em que foram escritos. O momento desse tipo de leitura serve também para isso, para permitir que ele conheça as mais variadas formas cultas de sua língua, mas é uma questão que deve ser inserida em seu cotidiano de uma forma mais leve do que atualmente é feita.

Tivemos a oportunidade de saber, por meio dessas pesquisas, que muitos alunos que se iniciaram no mundo da leitura com os livros *Percy Jackson* e *Crepúsculo* já partiram para a leitura de clássicos da literatura, como *Dom Quixote* e *O Velho e O Mar*, por exemplo, mostrando ser possível uma evolução das preferências dos alunos.

É preciso dizer que nem todos gostam de ler, e isso é uma característica individual, de cada um. Mas nem por isso devemos deixar de, ao menos, *tentar* criar esse gosto. Assim como uns gostam de matemática e outros não, uns gostam de ler e outros não, independentemente de se ter dificuldade ou facilidade com o assunto. Portanto, como professores, é nosso dever oferecer oportunidades iguais a todos e permitir que desenvolvam ao máximo suas capacidades. Nós temos que, primeiramente, fazer nossa parte, disponibilizando conhecimento, para que o aluno consiga percorrer os caminhos que desejar.

## Considerações finais

Observamos que, atualmente, a literatura de massa é mais comumente adaptada para a linguagem cinematográfica. Esse tipo de literatura contém elementos mais adaptáveis e capazes de atrair a atenção dos consumidores, gerando um movimento grande no mercado, com lucros extraordinários. Ademais, e por isso mesmo, ela é responsável por atrair leitores e auxiliar na criação do hábito de leitura, permitindo que o leitor se sinta capaz de explorar outras formas literárias. Assim, a atração pelo cinema, seguida de uma atração pelo livro da cultura de massa e de uma possível inserção na leitura de livros mais clássicos são, sim, capazes de auxiliar na formação de leitores. Possibilitar a curiosidade e conseqüente busca pela literatura faz com que a adaptação seja responsável pelo crescimento do número de leitores no país. Ajudar a construir o hábito de leitura, permitindo avanços no tipo de literatura que se lê, mostra a importância da literatura de massa, juntamente às adaptações, no processo de formação de leitores, no processo de letramento literário, e justifica uma atenção de professores, escola e família para esse segmento.

Se a leitura de literatura de massa vem crescendo vertiginosamente, principalmente daqueles livros que são transmutados para o cinema, pode-se inferir, então, que a linguagem cinematográfica tem contribuído para o crescimento da leitura no país. O mercado pode ser o grande responsável por esse aumento e há que se considerar que isso é um fator positivo: se os jovens estão lendo mais, aumenta a possibilidade de tornam-se cidadãos melhores, que contribuem para o seu crescimento e o do seu país. Não se pode considerar que a literatura de massa seja empobrecedora de forma alguma: se ela permite crescimento e conhecimento, só enriquece a vida dos jovens. Qualquer proveito que se tire dela é um proveito, e não pode de forma alguma ser desprezado, mas sim valorizado e incentivado, cada vez mais, em uma tentativa de fortalecê-la como formadora de leitores. Basta que saibamos aproveitar suas potencialidades.

Feitas essas considerações, ponderamos que, cada um de nós, professores e familiares, temos como dever incentivar a leitura, seja de qual tipo for, permitindo que o aluno esteja livre em suas escolhas para seguir o caminho para

o qual mostre mais aptidão. Deixar que o jovem escolha suas opções é muito importante para que ele se sinta capaz de fazer suas escolhas por si mesmo.

Nos conscientizamos de que sempre teremos duas obras diferentes, livro e filme, e que ambas desempenham, em conjunto, um papel imprescindível no desenvolvimento dos jovens ao ajudar na criação do hábito de leitura e na formação destes como indivíduos críticos. Descobrimos, com tudo o que foi visto, que uma simples comparação entre pontos divergentes das duas formas de linguagem são capazes de fazer muito pelo letramento literário de um jovem. Vimos que não se pode utilizar a linguagem cinematográfica como mero substituto à linguagem literária, mas que há de se saber fazer bom uso das duas formas, em conjunto, aproveitando as diferenças entre elas e a curiosidade que geram, uma a respeito da outra, trazendo à tona reflexões e discussões. Cabe, portanto, ao professor atuar como um mediador, que conduza o estudo de ambas da forma mais proveitosa possível, de maneira que o jovem seja capaz de apreender.

O papel que literatura de massa e suas respectivas adaptações desempenham na formação do indivíduo é muito importante para o desenvolvimento do país, já que permitem que se formem leitores críticos e, conseqüentemente, cidadãos ativos em nossa sociedade, com capacidade de reflexão e ação. Auxiliar na formação de cidadãos pensantes equivale a auxiliar com o crescimento do país.

## Referências

ARAÚJO, N. S. **Cinema e literatura: adaptação ou hipertextualização?**. *Littera Online*, São Luís, v. 2, n. 3, p. 6-23, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/449/272>>. Acesso em: 17 jul. 2014.

BALOGH, A. M. **Conjunções, Disjunções, Transmutações**. [S.l.]: Annablume, 2004.

BARBOSA, B. T. **A formação de leitores adolescentes e jovens: uma reflexão sobre a leitura na escola**. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 15., 2010a. Belo Horizonte. *Anais...* Disponível em: <<http://www.ufjf.br/fale/files/2010/06/A-forma%C3%A7%C3%A3o-de-leitores-adolescentes-e-jovens-uma-reflex%C3%A3o-sobre-a-leitura-na-escola.pdf>> Acesso em: 9 abr. 2014.

BARBOSA, B. T. **A leitura dos clássicos na escola: um desafio a ser enfrentado no letramento de jovens**. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE LETRAMENTO E CULTURA ESCRITA, 3., 2010b, Juiz de Fora. *Anais...* Disponível em: <<http://www.ufjf.br/fale/files/2010/06/Begma-Tavares-Barbosa.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_01\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf)>. Acesso em: 28 maio 2014. COMPARATO, D. *Da criação ao roteiro: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Summus, 2009.

CORRÊA, H. T. **Letramento literário de crianças, adolescentes e jovens**. *Revista Práticas de Linguagem*, v. 2, n. 2, p. 90-99, jul./dez. 2012. Entrevista concedida a Begma Tavares Barbosa. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2013/01/90-99-Entrevista-com-Prof-H%C3%A9rcules1.pdf>>. Acesso em: 9 abr. 2014.

GRUMAN, M. **O estado atirando no próprio pé**. Disponível em: <<http://www.culturaemercado.com.br/pontos-de-vista/o-estado-atirando-no-proprio-pe/>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Minidicionário Houaiss de Língua portuguesa**. 3. ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Editora Moderna, 2009.

IBGE. *Censo Demográfico 2010*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em: 1 abr. 2014.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 3. ed. Brasília: Instituto Pró-livro, 2012. Disponível em:

<[http://prolivro.org.br/home/images/relatorios\\_boletins/3\\_ed\\_pesquisa\\_retratos\\_leitura\\_IPL.pdf](http://prolivro.org.br/home/images/relatorios_boletins/3_ed_pesquisa_retratos_leitura_IPL.pdf)>. Acesso em: 18 abr. 2014.

MARTÍN-BARBERO, J.; REY, G. **Os exercícios de ver:** hegemonia audiovisual e ficção televisiva. Tradução de Jacob Gorender. 2. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2004.

OSAKABE, H.; FREDERICO, E. Y. Literatura. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares do ensino médio.** Brasília: MEC/SEB/DPPEM, 2004 apud BARBOSA, B. T. A leitura dos clássicos na escola: um desafio a ser enfrentado no letramento de jovens. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE LETRAMENTO E CULTURA ESCRITA, 3., 2010b, Juiz de Fora. Anais... Disponível em: <<http://www.ufjf.br/fale/files/2010/06/Begma-Tavares-Barbosa.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2014.

**OS LIVROS mais vendidos.** *Veja*, ed. 2373, ano 47, n. 20, p. 133, 14 maio 2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 15 maio 2014.

PELLEGRINI, T. et al. **Literatura, cinema e televisão.** São Paulo: Editora Senac: Instituto Itaú Cultural, 2003.

SILVA, J. M. **Leitura, Literatura e Cinema na Sala de Aula:** uma cena. 2008. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2008.

SODRÉ, M. **Teoria da literatura de massa.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

SODRÉ, M. *Best-seller:* a literatura de mercado. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.

TAVELA, M. C. W. **Literatura de massa na formação do leitor.** *Darandina Revisteletrônica*, v. 3, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/16-Literatura-de-massa-na-forma%C3%A7%C3%A3o-do-leitor-liter%C3%A1rio.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2014.

TAVELA, M. C. W. **Letramento literário no ensino médio:** análise das experiências de ensino de literatura no Colégio de Aplicação João XXIII. 2013. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

TEIXEIRA, J. **A voz da geração conectada.** *Veja*, ed. 2373, ano 47, n. 20, p. 120-125, 14 maio 2014.

TEIXEIRA, J.; MARTHE, M. **O primata que conta histórias.** *Veja*, ed. 2373, ano 47, n. 20, p. 126-131, 14 maio 2014.

PAES, J. P. **A aventura literária:** ensaios sobre ficção e ficções. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PLAUTO. In: WIKIPEDIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Plauto>>. Acesso em: 18 jul. 2014.